

Aprendizagem Cooperativa em um primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública

Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti
Alessandra de Moraes

Como citar: BRUNATTI, Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral; MORAIS, Alessandra de. Aprendizagem Cooperativa em um primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. *In:* MORAIS, Alessandra de; BARBOSA, Laís Marques; BATALIA, Patrícia Unger Raphael; MORAIS, Mariana Lopes de (org.). **Aprendizagem Cooperativa: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p.99-132.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-86546-92-7.p99-132>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 4

APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM UM PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral BRUNATTI

Alessandra de MORAIS

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu do princípio de que, desde pequenas, as crianças podem ser incluídas em ambientes que as ajudem a se tornarem socialmente competentes. Nesse sentido, a Aprendizagem Cooperativa (A/C) é uma metodologia que tem por elemento essencial a responsabilidade individual, pela qual cada um tem o seu papel dentro da equipe. Com efeito, a responsabilidade individual e grupal são as que auxiliam as crianças na reflexão sobre suas atitudes, principalmente no que se refere à interdependência positiva, relacionada ao êxito de um estar vinculado ao de todos e às competências sociais que se referem, dentre diferentes aspectos, ao respeito mútuo. Com base nessa perspectiva, a A/C não é apenas uma alternativa metodológica capaz de ensinar conteúdos,

mas uma estrutura didática com capacidade de articular os procedimentos, atitudes e valores de uma sociedade democrática que quer reconhecer e respeitar a diversidade humana (ECHEITA, 2014). Diante disso, por meio de observações nas práticas pedagógicas utilizadas no contexto escolar, identificou-se a necessidade de se averiguar a hipótese de que a implantação de procedimentos de A/C e a promoção de um ambiente sociomoral cooperativo poderiam favorecer o desenvolvimento das habilidades de formação e funcionamento para a cooperação de crianças de 5 a 7 anos, assim como melhorar a qualidade da convivência na sala de aula.

2 O PROJETO COOPERATIVO DE INVESTIGAÇÃO DESENVOLVIDO NO CONTEXTO EM PAUTA

O estudo teve sua realização em uma sala de primeiro ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal do interior do Estado de São Paulo, composta por 22 alunos de cinco a sete anos, sendo dez meninas e doze meninos. Contemplou o desenvolvimento de um projeto cooperativo com a temática “Descobrimo o mundo dos animais”. A execução das intervenções visou favorecer o desenvolvimento das habilidades de formação e funcionamento para cooperação e a melhoria das interações entre as crianças. Os conteúdos, objetivos e competências trabalhados se integraram às orientações e competências presentes na diretriz oficial para a Educação Básica, em específico Educação Infantil e Ensino Fundamental, aprovada em âmbito nacional, em dezembro de 2017 – Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), assim como também levam em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996).

A clientela atendida pela instituição é de nível socioeconômico médio-baixo, e a unidade foi escolhida intencionalmente, com base no fato de a pesquisadora ministrar aula como professora, nessa localidade, pretendendo-se realizar a intervenção em sua respectiva turma. Tratou-se de um delineamento quase experimental, com série temporal (BREAKWELL et al., 2010), em que se procurou verificar o efeito das variáveis independentes (procedimentos de Aprendizagem Cooperativa e ambiente sociomoral

proporcionado) sobre as variáveis dependentes (habilidades de formação e funcionamento e qualidade da convivência). Na avaliação desses efeitos, a pesquisa consistiu em pré-teste (primeira testagem), intervenção, segunda testagem, intervenção e pós-teste (terceira testagem). Além disso, foram realizadas análises processuais, durante a intervenção.

Para a verificação da estrutura de relações entre as crianças e das capacidades cooperativas, foram aplicados como instrumentos: o Questionário Sociométrico para Crianças (Q.S.C.), adaptado pelas autoras de DÍAZ-AGUADO (2016) e as Grelhas de Observação de habilidades específicas para trabalhar em aula (como pré-teste, segunda testagem e pós-teste), compostas por: Ficha para a verificação das habilidades de formação e Ficha para verificação das habilidades de funcionamento, as quais foram elaboradas pelas autoras com base em Más, Negro e Torrego (2014).

Pretendeu-se, neste estudo, adotar procedimentos de A/C para grupos heterogêneos, com a formação de equipes, a fim de desenvolver atividades com relação a determinados conteúdos, de modo a favorecer a interdependência positiva, a capacidade de colaboração e a aprendizagem. Com essa proposta, buscou-se estudar e enfatizar atitudes e experiências pouco vistas e experimentadas pelos alunos, de sorte a comprovar, o quanto a aplicação de procedimentos de A/C pode ser adequada para a implementação dos conteúdos escolares, para melhorar o desempenho, a capacidade de cooperação e a convivência na sala de aula.

No desenvolvimento da A/C procurou-se valorizar as interações na sala de aula, onde cada um faz parte de seu próprio conhecimento, a partir de um processo interativo, no qual o papel do professor é o de mediar e os próprios alunos também passam a ser protagonistas desse papel de mediador, de modo que aprendam uns com os outros (MONEREO; GISBERT, 2005). Reitera-se que as condições necessárias para a cooperação em grupo são as seguintes: interdependência positiva, interações face a face, responsabilidade individual, habilidades sociais e autorreflexão de grupo.

As intervenções tiveram seu planejamento com o uso de estratégias de atividades cooperativas com respeito aos diferentes conteúdos curriculares e com a intenção de criar um ambiente sociomoral

cooperativo, o qual pudesse favorecer o desenvolvimento da autonomia moral nas crianças. A postura da pesquisadora pautou-se na consideração de que a educação moral não precisa se limitar a uma aula distinta, mas deve estar a todo o momento, integrada a toda a vida escolar, já que é elemento da vida coletiva.

Ressaltamos que neste texto nos deteremos à descrição e análise processual da intervenção, de modo a não apresentar e detalhar os resultados decorrentes dos diferentes momentos da testagem para a verificação do desenvolvimento das habilidades específicas para cooperar. Entretanto, é importante destacar que as diferenças encontradas foram estatisticamente significantes, com médias superiores nas habilidades de formação e de funcionamento quando comparadas a segunda testagem e o pós-teste com o pré-teste (Teste de Friedman e Teste de Comparações Múltiplas, para $p < 0,05$).

3 A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO COOPERATIVO

Inicialmente, o clima na sala de aula era muito difícil, com muitas situações de conflitos, dificuldades de comunicação assertiva entre as crianças, assim como no tocante à interação das crianças com as normas. Além disso, havia frequentes situações de exclusão entre as crianças. Desde o início do ano letivo, fevereiro de 2018, foram introduzidas diversas estratégias para a melhoria do clima na sala de aula, voltadas para o favorecimento da coesão do grupo. Ressalta-se, no que concerne ao trabalho predominantemente desenvolvido na escola, que ele é tradicional, com aulas expositivas. Os alunos trabalham de modo individual e, quando há atividades em grupo, essas são esporádicas, voltadas somente para o desenvolvimento de temáticas pontuais, tais como Dia do Índio, Dia da Água, Dia do Folclore, entre outras dessa natureza. São propostas que não favorecem o sentimento de interdependência positiva que a A/C possibilita.

Para implantar a A/C, na sala em foco, foi necessário a professora/pesquisadora introduzir um conjunto de ações e atividades específicas, a fim de proporcionar um ambiente que estimulasse a interação e a cooperação entre as crianças. Desde a organização da sala, a formação das equipes-base para desenvolver uma identidade grupal, a responsabilidade individual e a

necessidade de planejar mais espaços e horários para trabalhar em equipes cooperativas, tudo teve que ser pensado e posto em prática, pois, como já ressaltado acima, a forma de trabalho, na instituição, ainda é a tradicional, com poucas atividades em grupo, as quais, quando acontecem, ocorrem sem uma sistematização prévia.

Com a intencionalidade de criar um ambiente que propiciasse a interação e a cooperação dos alunos, inicialmente, foram desenvolvidas atividades que incentivassem uma maior coesão entre as crianças. Jogos e atividades lúdicas foram usados para a melhor interação entre as crianças, de sorte a conhecerem a si mesmas e aos colegas, respeitarem as regras, aprenderem a esperar a sua vez. O desafio dos jogos e brincadeiras gera prazer e novos conhecimentos e, ao mesmo tempo, proporciona um clima que favorece a criação de um ambiente adequado, em sala de aula. As rodas de conversas também foram introduzidas com proposta de promover a oralidade, a capacidade de argumentação, de trocas, o saber escutar, de esperar sua vez, assim como possibilitar o confronto e o respeito a opiniões contrárias.

A formação dos grupos cooperativos foi uma das ações iniciais, porque era fundamental ter claro qual o tipo de formação seria eficiente, a fim de que a interação entre seus membros acontecesse e estimulasse a aprendizagem pela cooperação. Depois disso, outras preocupações foram adquirindo espaço, em nossas reflexões e ações, tais como o tempo que esses grupos poderiam permanecer juntos, para que seus membros criassem vínculos, quais os papéis que poderiam desempenhar nos grupos, como fazer a atribuição dos papéis, como proceder para a implantação da A/C, quais atividades desenvolver e como resolver os conflitos que iriam surgindo entre as crianças, durante esse processo de implementação da A/C.

A Aprendizagem Cooperativa é muito mais do que o desenvolvimento de um trabalho em grupo, aquele em que simplesmente se colocam duas ou quatro crianças e que cada uma realiza sua atividade, de forma individualizada. O que foi proposto vai muito além, pois os alunos passam a perceber que dependem uns dos outros para o desenvolvimento das atividades, a fim de que tudo saia bem e os objetivos grupais sejam atingidos. A interdependência positiva, a responsabilidade individual e as competências sociais são componentes da Aprendizagem Cooperativa que contribuem para criar um clima específico de interação e que permitem se distinguir daqueles trabalhos em grupos tradicionais.

3.1 A FORMAÇÃO DAS EQUIPES HETEROGÊNEAS

De maneira a ser implementada a A/C, um dos primeiros passos foi a formação das equipes heterogêneas, em que os alunos são distribuídos nos grupos, de acordo com critérios selecionados pela professora, os quais garantem uma diversidade, capaz de representar a heterogeneidade da sala, e ensejem a boa qualidade dos trabalhos concretizados. Para isso, foi realizada uma avaliação das características individuais dos alunos, assim como da estrutura das relações interpessoais do grupo. Para o levantamento desse último aspecto, foi aplicado o Questionário Sociométrico para Crianças (Q.S.C.), por meio do qual foi possível verificar as preferências das crianças em relação aos colegas da turma, tanto no brincar quanto na execução das atividades de sala de aula, percebendo-se também aquelas crianças mais rejeitadas e excluídas.

No que tange ao levantamento das características individuais das crianças, foram aplicadas as Grelhas de Observação de habilidades específicas de formação e funcionamento para trabalhar em aula. Trata-se de procedimento com o intuito de verificar as habilidades dos alunos e alunas para cooperar em sala de aula, de sorte a servir como um dos critérios para a formação dos agrupamentos heterogêneos e parâmetro para a observação da evolução dessas habilidades nas crianças, no decorrer do processo de implantação da A/C. Tais habilidades são de suma importância para a cooperação nas equipes, sendo habilidades básicas necessárias para apoiar o trabalho cooperativo na sala de aula (MÁS; NEGRO; TORREGO, 2014).

Na formação dos diferentes grupos, foram eleitos, por ordem de prioridade, os seguintes critérios e os respectivos procedimentos em relação aos mesmos: gênero: em que se procurou mesclar os grupos com meninos e meninas; desempenho escolar: com diagnóstico de leitura e escrita, assim como de conhecimentos lógico-matemáticos (noção de número, conservação de quantidade, classificação e seriação), o qual foi identificado como baixo, médio ou alto; habilidades de formação: respeitar a opinião dos demais, esperar a sua vez, permanecer no grupo, trabalhar sem perturbar os outros, dentre outras, as quais, por meio da ficha de observação, foram graduadas entre baixa habilidade, média ou alta; habilidades de funcionamento: expressar apoio e aceitação pelo colega, incentivar quanto ao nível de motivação, resolver conflitos de forma construtiva, dentre outras, as quais, por meio da ficha de observação, foram graduadas entre

baixa habilidade, média ou alta; resultados do questionário sociométrico, em que foram ponderadas as afinidades, rejeições e exclusões.

Teve-se o cuidado para não colocar juntas as crianças com o mesmo nível de desempenho, levando-se em conta que nosso trabalho teve como intenção o avanço no desempenho de conteúdos escolares e nas competências sociais capazes de favorecer um ambiente sociomoral cooperativo. Assim, almejando alcançar a heterogeneidade, na formação de cada grupo, procuramos alocar em cada grupo: um aluno com alto desempenho; dois alunos com médio desempenho; um aluno com baixo desempenho. Buscou-se também colocar em cada grupo, no referente às habilidades de formação: um aluno com alto nível de habilidades de formação, dois alunos com médio nível de habilidades de formação e um aluno com baixo nível de habilidades de formação. Quanto às habilidades de funcionamento: um aluno com alto nível de habilidades de funcionamento, dois alunos com médio nível de habilidades de funcionamento e um aluno com baixo nível de habilidades de funcionamento. Como já ressaltado, consideramos também os resultados do questionário sociométrico, em que foram ponderadas as afinidades, rejeições e exclusões.

Foi utilizada a proposta preconizada por Pujolàs (2008) de que um grupo, formado a partir do critério de heterogeneidade, representará melhor a diversidade da sociedade do que um grupo homogêneo, principalmente se, nesse último caso, se leva em conta, por exemplo, somente o rendimento e a capacidade desses membros. A formação de grupos, nessa proposta defendida pelo autor, é de que os alunos possam se desenvolver em seu ciclo educativo, portanto, as equipes a serem formadas têm que almejar objetivos mais amplos e abertos, os quais sejam mais inclusivos. É primordial que as atividades educativas da aula estejam bem estruturadas e organizadas de maneira mais heterogênea e cooperativa, distintamente do que ainda acontece em muitas das instituições escolares, nas quais se incentiva a homogeneidade, o individualismo e a competição.

Levando-se em conta o fato de que na classe havia 22 alunos, eles foram divididos em seis grupos heterogêneos, dos quais quatro grupos foram compostos por quatro membros e dois com três membros. A proposta inicial era de que os alunos e alunas dessas equipes trabalhassem juntos por um trimestre, porém, se houvesse necessidade de mudanças para o bom funcionamento e organização, haveria a possibilidade de se

fazer alterações. Para ilustrar, no Quadro 01, apresentamos um exemplo de duas equipes heterogêneas formadas com quatro estudantes.

Quadro 01 – Exemplo de composição das equipes

Equipe 1	Gênero	Desempenho escolar	Habilidades de formação	Habilidades de funcionamento	Observação
E. C.	F	Alto	Alto	Médio	
J. N.	M	Médio	Médio	Baixo	Aluno com nível de rejeição alto pelos colegas da sala
M. A.	F	Médio	Médio	Alto	
M. P.	M	Baixo	Baixo	Médio	
Equipe 3		Desempenho escolar	Habilidades de formação	Habilidades de funcionamento	Observação
M. G.	F	Alto	Alto	Alto	
L. O.	M	Médio	Baixo	Médio	
M. P.	M	Médio	Médio	Médio	
M. E.	F	Baixo	Médio	Baixo	Aluna com necessidades educacionais especiais, com laudo neurológico

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

3.2 A ATRIBUIÇÃO DOS PAPÉIS

Depois de formado os grupos, passamos à distribuição dos papéis, em que foi necessário expor e explicar a responsabilidade individual que cada um desses papéis exige. Os papéis escolhidos para iniciar a implantação da Aprendizagem Cooperativa e o funcionamento das equipes foram:

Quadro 02 – Papéis atribuídos nas equipes cooperativas

Guardião do tempo	Deve controlar o tempo que foi combinado para a atividade e deve cuidar do relógio que utilizará para controlar o tempo.
Guardião do volume	Avisa os colegas de seu grupo, quando o barulho está alto e pode atrapalhar os outros grupos. Quando isso acontecer, pede aos seus colegas que conversem em um tom de voz mais baixo.
Porta-voz	É o responsável por chamar a professora, quando o grupo precisar de ajuda e deve recolher e entregar as folhas de autoavaliação para a professora.
Guardião do material	É o responsável por pegar o material que será usado na atividade e responsável pelo cuidado com o material e deve conversar com os colegas, para que o ajudem nessa tarefa (por exemplo: apontando os lápis, tampando as canetinhas, limpando o apontador).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Depois dessas explicações às crianças, foram distribuídos os crachás dos papéis a serem desempenhados, em cada grupo. A escolha dos papéis foi feita em discussão entre os alunos, os quais decidiram de modo consensual. Além disso, foram cartazes na sala com as ilustrações e descrições dos papéis, e uma painel móvel de cada equipe com os nomes dos membros e a distribuição dos papéis. Ficou combinado que esses papéis seriam trocados periodicamente (aproximadamente a cada duas semanas) entre os membros dos grupos, de sorte que cada um passasse por cada um dos papéis mencionados.

3.3 A IDENTIDADE GRUPAL

No mesmo dia em que houve a formação dos grupos, a explicação e a distribuição dos papéis, a identidade do grupo foi discutida entre os membros de cada equipe, os quais deveriam escolher consensualmente um nome e um desenho que representasse o grupo. A professora esclareceu que eles poderiam escolher o nome livremente, desde que todos do grupo estivessem de acordo. As crianças tiveram 10 minutos para discutir e escolher um nome para seu grupo e 20 minutos para a ilustração; assim, foi distribuída uma folha, para que elaborassem um desenho que os representasse.

A motivação das equipes para a execução da atividade se deu logo que a professora explicou que esse desenho e o nome da equipe os

representariam e que seriam colocados no cartaz, junto aos seus nomes e papéis que cada um desempenharia, ao longo do desenvolvimento das atividades cooperativas. Durante a decisão sobre o nome da equipe, observou-se que alguns grupos logo decidiram por um nome, consensualmente, enquanto outros demoraram um pouco mais. No momento da construção coletiva do desenho, a maioria dos grupos decidiu que todos os membros ilustrariam uma parte. Somente o grupo “Os jacarés” resolveu que dois alunos fizessem a ilustração. No decorrer da atividade, percebeu-se que se atingiu o objetivo de favorecer a identidade de grupo, com a observação de atitudes capazes de promover processos de tomada de decisão compatíveis com princípios da Aprendizagem Cooperativa.

Na sequência, como exemplo, são demonstrados os nomes escolhidos por duas equipes “Respeito”, “Os guardiões”, “Os jacarés” e “Animais”, respectivos desenhos e painéis que ficaram alocados na sala com a identidade de cada equipe, nomes dos integrantes e papéis atribuídos.

Figura 1 – Ilustração da identidade grupal



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Figura 2 – Trabalhando em equipe com seus respectivos papéis atribuídos



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

4 O PROJETO COOPERATIVO: GUIA REFERENCIAL, DELINEAMENTO E DESENVOLVIMENTO

O método de investigação cooperativa para a aprendizagem na aula baseia-se na premissa de que, tanto no contexto social como no intelectual, o processo de aprendizagem escolar deve incorporar os valores que defende (SHARAN; SHARAN, 1992, 1999; STAHL et al., 1996 apud LOPES; SILVA, 2009). Um dos grandes defensores do método investigativo em grupo foi John Dewey, que considerava a cooperação em sala de aula extremamente importante. Para Lopes e Silva (2009, p. 150), a aula é uma comunidade cooperativa, na qual professores e alunos constroem o processo de aprendizagem, com base numa planificação comum baseada nas suas experiências, aptidões e necessidades.

Segundo Guarro et al. (2018), o projeto cooperativo implica uma aplicação autêntica de conhecimentos, a qual estimula a integração dos conhecimentos prévios e vivências dos alunos com os conteúdos curriculares, além de terem a oportunidade de exercer processos democráticos de resolução de conflitos. Conforme Guarro (2002 apud GUARRO et al., 2018), um projeto cooperativo se desenvolve em torno do princípio educativo da construção de uma cultura de cooperação: como uma forma de convivência democrática na aula, em que as interações sociais entre iguais são oportunizadas, e como um modelo de ensino e aprendizagem, o qual prioriza a interação entre os pares, mediada pelo professor. Além

disso, permite que o currículo seja construído e desenvolvido em situações contextualizadas de aprendizagem, já que os problemas e temas possuem relevância pessoal e social, no mundo real, e podem ser abordados através de uma sequência de ações significativas para os envolvidos. No Quadro 03, apresentamos o delineamento estrutural e programático do projeto cooperativo desenvolvido.

Quadro 03 - Delineamento estrutural e programático do Projeto Cooperativo “Descobrimdo o mundo dos animais”, desenvolvido na turma de 1º ano do Ensino Fundamental

Projeto “DESCOBRINDO O MUNDO DOS ANIMAIS”	
Pesquisa	Investigar o reino animal.
Duração	05 semanas, de 9 de abril a 18 de maio de 2018
Número de sessões cooperativas	Seis sessões, previamente planejadas
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">- conceituais: tipologias e classificação de animais répteis, anfíbios, mamíferos, aves, peixes e insetos (vertebrados e invertebrados); compreender a diversidade do mundo animal; conhecer os diferentes habitats dos animais; espécies ameaçadas de extinção;- procedimentais: identificação e classificação dos animais; estabelecer correspondência entre os habitats e as características dos animais;- atitudinais: desenvolver o respeito e o cuidado ao meio ambiente, valorizar e respeitar a diversidade.
Competências	<ul style="list-style-type: none">- naturalistas: observar, respeitar e cuidar da fauna, flora e ecossistemas, reconhecer a interdependência entre os diferentes seres e o ambiente em que vivem;- linguísticas e oralidade: comunicar, utilizando recursos da língua oral, leitura e escrita; ampliar o letramento; desenvolver a compreensão e usar as diferentes linguagens; identificar a função social de textos que circulam nas diferentes esferas da vida social cotidiana;- lógico-matemáticas: construir estruturas operatórias de classificação;- cooperativas: movimentar-se e trabalhar sem fazer barulho e/ou atrapalhar os colegas, oferecer e receber ajuda, esperar sua vez, partilhar, encorajar, prestar atenção, quando os colegas e/ou a professora falam, expressar suas ideias, interagir harmoniosamente com os pares, respeitar a opinião dos colegas, construir regras coletivamente, cumprir regras, estabelecer acordos, resolver conflitos de modo assertivo;- de estudo, de iniciativa e cognitivas: aprender a aprender; realizar trocas de ideias; desenvolver capacidade de observação; identificar diferenças e semelhanças entre objetos do mundo; desenvolver a criatividade; exercitar a curiosidade intelectual; investigar, levantar hipóteses, resolver problemas.

Objetivos	Conhecer e nomear os diferentes tipos de animais, características, hábitos, semelhanças, diferenças, reconhecer a importância dos animais, identificar os diversos animais, apontando para sua diversidade (locais onde vivem, sua alimentação, seus hábitos, sons e outras particularidades de cada espécie), observar, pesquisar e registrar informações sobre os animais, desenvolver a imaginação, a criatividade, a capacidade de expressão e de empregar diferentes linguagens, saber identificar um animal selvagem e um doméstico e valorizar a vida de todas as espécies.
-----------	--

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

De modo a atender os objetivos propostos, o quadro a seguir busca elencar e descrever a programação do projeto cooperativo. Dessa forma, as sessões deveriam acontecer em grupos e as etapas de projeto, com a utilização de técnicas cooperativas. Apesar de terem sido programadas seis sessões, o projeto cooperativo “Descobrimo o Mundo dos Animais” foi concluído na quinta sessão, devido a questões de planejamento curricular, porém, todos os objetivos propostos foram alcançados.

Quadro 04 - Programação das sessões do Projeto Cooperativo

PROGRAMAÇÃO DO PROJETO COOPERATIVO NA TURMA EM FOCO MÉTODO COOPERATIVO: INVESTIGANDO EM GRUPO
PRIMEIRA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 2h30min. ETAPAS DO PROJETO: - Motivação para o tema e eleição do tema objeto de pesquisa. - Levantamento de conhecimentos prévios e de centros de interesse. FORMAÇÃO DOS GRUPOS: Grupo-sala, equipes-base heterogêneas e pares. DINÂMICA: Brincadeiras de roda. TÉCNICAS COOPERATIVAS: - Adaptação do Graffiti Coletivo (LOPES; SILVA, 2008, 2009). A técnica consiste no seguinte: 1 – Em grupos de quatro elementos, distribui-se uma cartolina por grupo, a qual é dividida em quatro partes, em que cada espaço é identificado por uma instrução. 2 - Cada criança preenche um dos espaços, por meio de escrita e/ou desenho. 3 – Depois de um tempo determinado pela professora, a folha roda de posição, de modo que cada criança realize sua produção pessoal no espaço que fique em sua frente. 4 – Continua esse procedimento, até que a folha volte à sua posição inicial e que todas as crianças do grupo tenham preenchido todos os espaços. 5 – O grupo procura identificar as semelhanças, diferenças e relações entre os conteúdos das produções feitas e as apresenta para a sala. <u>A adaptação da técnica:</u>

1 – Reunidas as equipes de quatro integrantes, cada equipe forma dois pares. Uma cartolina é entregue para cada equipe, sendo dividida em duas partes, em que cada espaço deve ser identificado por uma instrução.

2 - Cada dupla preenche um dos espaços, através de escrita e/ou desenho.

3 – Depois de um tempo determinado pela professora, a folha roda de posição, de modo que cada dupla realize sua produção no espaço que fique em sua frente.

4 – Continua esse procedimento, até que a folha volte à sua posição inicial e que todas as duplas da equipe tenham preenchido os dois espaços.

5 – A equipe procura identificar as semelhanças, diferenças e relações entre os conteúdos das produções feitas.

- Para a apresentação à sala, aplica-se a **Técnica Cabeças Juntas Numeradas** (KAGAN, 1995 apud LOPES; SILVA, 2009), em que é atribuído um número para cada criança, o qual é sorteado para a exposição e a explicação do trabalho realizado pelo grupo.

PROCEDIMENTOS:

No grupo-sala, a professora começa sensibilizando os alunos para a temática, com duas brincadeiras de roda: *Cada bicho tem* (CD Kitty Driemeyer – música *Conversa de Bicho*) e *Ciranda dos Bichos* (Grupo Palavra Cantada). Executadas as brincadeiras de roda, por meio de perguntas, a professora apresenta o tema a ser investigado e busca levantar aquilo que as crianças já sabem a respeito. Após investigação dos conhecimentos prévios, as crianças são incentivadas a formular questões sobre o que querem conhecer a respeito do tema, para que, na sessão seguinte, os conteúdos de aprendizagem possam ser selecionados de forma específica.

Algumas perguntas que podem ser levantadas pela professora, dentre outras formuladas pelas e com as crianças:

Que animais conhecemos?

O que queremos aprender sobre os animais?

Que tipos de animais existem?

Onde os diferentes animais vivem?

Quais os animais que vivem na selva?

Como os animais se locomovem?

Um animal selvagem vive na floresta ou em casas? Quais os sons dos animais?

Quais os principais animais de nossa região?

Vocês já viram algum animal selvagem em algum lugar?(Zoológico, circo, televisão...)

Em seguida, as equipes-heterogêneas se formam, sendo atribuídos os diferentes papéis para cada criança. Utilizando-se a **Técnica Cooperativa Graffiti Coletivo**, em sua forma adaptada, é entregue para cada equipe uma cartolina, dividida em duas partes, as quais são preenchidas por meio de escrita e/ou desenho por cada dupla, de maneira que cada dupla preencha uma parte diferente, concomitantemente. Em uma das partes, deve ser registrado *O que sabemos sobre os animais* e, na outra, *O que queremos saber*. Após a realização das produções das duas duplas, nos dois espaços da cartolina, cada equipe discute as semelhanças, diferenças e relações entre os conteúdos das produções. Em seguida, através da **Técnica Cabeças Juntas Numeradas**, uma criança de cada equipe apresenta para a sala o que a equipe já sabe sobre os animais, enquanto outra criança da equipe é sorteada para apresentar o que a equipe gostaria de saber. A professora registra os conteúdos expostos para retomá-los com o grupo na próxima sessão, em que os subtemas de pesquisa são definidos. No final da sessão, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

SEGUNDA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 3 h.

ETAPAS DO PROJETO:

- Seleção dos conteúdos de aprendizagem a serem investigados, de forma a integrá-los ao currículo.

- Com a mediação da professora, o grupo-classe determina com as equipes os tópicos de investigação a serem organizados e desenvolvidos por cada grupo.

- Construção coletiva das normas de boa convivência, as quais garantam o êxito do trabalho em grupo e a interação positiva entre os alunos.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: Grupo-sala e equipes-base heterogêneas.

TÉCNICA COOPERATIVA: *Placemat Consensus* (BIONDI, [2016]), com adaptações.

A técnica *Placemat Consensus* consiste em:

- 1 - O professor agrupa os alunos em equipes heterogêneas de quatro pessoas.
- 2 - O professor faz uma pergunta sobre os conteúdos, que pode ser respondida por uma lista ou relação de elementos.
- 3 - Os alunos escrevem sua resposta, individualmente, em uma folha em branco.
- 4 - As equipes comparam as respostas de seus membros, para criar uma lista comum, considerando os itens que aparecem, pelo menos, nas listas de três alunos.
- 5 - Os alunos escrevem a lista acordada na parte de trás da folha.
- 6 - O professor recolhe as folhas e pede aleatoriamente para alguns alunos que compartilhem a resposta da sua equipe.

A adaptação da técnica:

- 1 - O professor agrupa os alunos em equipes heterogêneas de quatro pessoas.
- 2 - O professor divide a lousa em um número de partes que seja equivalente ao número de equipes.
- 3 - O professor faz uma pergunta sobre os conteúdos a cada equipe.
- 4 - Cada equipe discute entre si a resposta a ser dada.
- 5 - O professor ou secretário ou porta-voz de cada equipe registra na parte correspondente, na lousa, a resposta de sua equipe.
- 6 - As equipes comparam e discutem as respostas dos diferentes grupos.
- 7 - Com a mediação do professor, chegam a uma síntese final, conforme os objetivos propostos.

PROCEDIMENTOS:

Primeira parte da sessão cooperativa:

A professora inicia falando, com o grupo-sala, que nesse dia será decidido *O que vamos pesquisar, aprender e ensinar sobre o mundo dos animais*. São formadas as equipes heterogêneas e entregues a cada equipe as produções efetuadas na sessão anterior, quando as equipes registraram o que sabem e o que querem saber sobre os animais. O porta-voz de cada equipe se responsabiliza por retomar com a equipe o que colocam em seus cartazes e comunicar à professora e à sala aquilo que a equipe quer saber sobre o tema. Por meio da **Técnica *Placemat Consensus*** adaptada, a professora divide a lousa em seis partes (uma para cada equipe) e registra os temas de interesse de cada equipe. Desse modo, é possível ao grupo-sala ter uma visão ampla de todos os temas de interesse e, com a mediação da professora, cada equipe aprimora a formulação de seu tema de investigação. Nesse processo, a professora auxilia na formulação de perguntas, em sua organização e categorização, a fim de que se possibilite uma visão global do que é estudado por cada grupo, assim como a tomada de consciência do processo de investigação com a definição dos problemas e o levantamento de perguntas. Se necessário, a professora incentiva a inclusão de questões fundamentais, para atingir os objetivos do trabalho. Para finalizar, cada grupo, com a ajuda da professora, registra em uma folha suas questões de investigação.

Segunda parte da sessão cooperativa:

Serve para a construção das normas coletivas de convivência para o êxito do trabalho em grupo. Ressalta-se a importância dessa atividade, não somente por proporcionar as trocas de perspectivas entre os alunos e o conflito sociocognitivo, como também por favorecer que os alunos sejam participantes da construção das normas coletivas, o que auxilia no processo de tomada de consciência da importância das mesmas, o reconhecimento de seus princípios e de suas necessidades para a qualidade dos trabalhos executados no grupo, na sala, assim como para a convivência.

O desenvolvimento da atividade¹ obedece ao seguinte roteiro:

- 1 – Nas equipes-base heterogêneas, entregam-se 2 *post it* para cada aluno.
- 2 – Pede-se para cada aluno registrar, em cada *post it*: “o que ajuda para que todos aprendam e convivam bem no grupo” e “o que atrapalha para que todos aprendam e convivam bem no grupo”.
- 3 – Depois de cada aluno escrever em seu *post it* “o que ajuda” e “o que atrapalha”, deve-se dirigir até o seguinte cartaz fixado na lousa (modelo abaixo) e pregar seu *post it* no lugar adequado:

4 - Após cada aluno fixar seu *post it* no lugar adequado, todos os alunos da sala vão até a lousa para verem “o que ajuda” e “o que atrapalha”, na opinião de todos.

5 - Levando em consideração as ideias de todos sobre o que ajuda e o que atrapalha, cada equipe-base formula cinco normas que ajudem para a boa convivência e aprendizagem no grupo.

6 - Depois disso, cada equipe-base se junta com outra equipe-base, a fim de apresentar e discutir as normas que foram elaboradas por suas respectivas equipes, a fim de que cheguem a um consenso daquelas normas tidas como mais importantes.

7 - Em seguida, os grupos que se juntaram expõem o resultado de seu trabalho para os demais grupos os quais igualmente se juntaram, possibilitando a todos apresentarem as normas elaboradas e se chegar a um consenso daquelas que serão firmadas e reconhecidas legitimamente por toda a sala.

8 - Cada grupo recebe uma folha sulfite para escrever, com a ajuda da professora, uma das normas consensuadas, e preparar um desenho coletivo que a represente. As produções dos grupos com as normas são fixadas na sala de aula, de sorte que os acordos sejam retomados durante as atividades, no dia a dia.

No final da sessão, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

TERCEIRA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 2h30.

ETAPAS DO PROJETO:

- Planejar a pesquisa e a metodologia que será adotada: as equipes planejam sua investigação, decidindo como e em que fontes irão buscar as informações. O professor orienta e oferece o acesso a essas fontes.

- Desenvolver a pesquisa: os grupos efetuam a pesquisa, entram em contato com a realidade, observam e interagem com os objetos de conhecimento, de forma ativa.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: grupo-sala e equipes-base heterogêneas.

TÉCNICA COOPERATIVA: Agrupamentos ou Filas ordenadas (inspirado em LOPES; SILVA, 2008), descrita já com as adaptações.

1 – É dado um cartão com determinada figura para cada criança, de modo que cada uma receba um cartão diferente.

2 – O educador coloca uma música e as crianças se movimentam na sala.

3 – O educador para a música e fala *stop* ou “gelo”.

4 – O educador pede para as crianças formarem dois grupos, reunindo-se as que estão mais próximas. Nesse momento, as crianças devem contar o número de crianças presentes na sala, para conseguirem se dividir igualmente, tendo que coordenar essa divisão com a distribuição espacial de todos na sala (devem colocar em prática a noção de quantidades descontínuas e número).

5 – Nos grupos, as crianças devem mostrar seus cartões.

³ Atividade inspirada em: OLIVEIRA, F. C. *Um estudo de caso sobre transdisciplinaridade no ensino médio*. Texto não publicado. Marília, SP, s/d.

6 – O educador pede para que as crianças, nos grupos, formem subgrupos entre aquelas que tenham os cartões mais parecidos entre si. O número de subgrupos pode ser definido conforme os critérios que as crianças elegerem para formar os agrupamentos (nesse momento, as crianças devem colocar em ação estruturas lógico-matemáticas de classificação).

7 – Após os dois grupos formarem seus subgrupos, as crianças explicam os critérios escolhidos.

8 – Em seguida, o educador pode pedir para cada um dos dois grupos se ordenarem, formando uma fila, de acordo com os cartões que cada criança tiver em mãos (nesse momento, as crianças devem colocar em ação estruturas lógico-matemáticas de classificação).

PROCEDIMENTOS: A sessão se inicia com a técnica cooperativa, com agrupamentos ou filas ordenadas, descritas acima, sendo que os cartões utilizados estão com figuras de animais. Terminada essa atividade, os alunos são divididos nas equipes-base, são confirmados os papéis de cada membro e retomadas as normas coletivas de convivência. Cada equipe consulta e discute o registro de suas questões de investigação sobre o mundo dos animais e, uma vez definidas as informações a se recorrer, são eleitas as fontes a ser consultadas e disponibilizadas pela professora: livros, internet, filmes, músicas, cartões com figuras de animais (usados no início da sessão) e revistas. A professora orienta as equipes com relação a um guia que apoie essas buscas: observação, recortes, desenhos, escrita e outras formas de coleta e registro.

As perguntas metodológicas que guiarão os trabalhos são: *O que e como investigar? Quais informações devemos coletar? Como coletar essas informações?*

Cada equipe-base trabalha na consulta e recolhimento dos materiais, divide as tarefas entre seus membros e tem uma pasta ou caixa, onde são guardados os materiais selecionados.

Nessa sessão, as equipes também são orientadas para que cada membro colete, em casa, juntamente com seus familiares, materiais e informações que possam ajudar nas pesquisas. No final da sessão, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

QUARTA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 2h30.

ETAPAS DO PROJETO:

- Ampliar as informações e conhecimentos, por meio da organização dos conteúdos e materiais coletados na investigação.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: equipes-base heterogêneas.

TÉCNICA COOPERATIVA: Já podem mostrar (LOPES; SILVA, 2009), já descrita com pequenas adaptações.

1 – Nas equipes heterogêneas, as crianças são numeradas de 01 a 04.

2 – O educador designa quem será o primeiro líder, dizendo um número. O papel do líder irá rodar em cada ronda.

3 – É colocado um montinho com um cartão com as tarefas, no centro das mesas de cada uma das equipes. Cada criança recebe folhas de papel em branco, para registrar sua solução para a tarefa.

4 – Sem falar umas com as outras, cada criança tenta resolver a tarefa indicada pelo cartão que é virado pelo líder, desenhando a solução correspondente em uma folha de papel.

5 - Cada criança, ao terminar seu registro, vira sua folha de cabeça para baixo, de modo que sinalize que terminou e que ninguém veja sua solução.

6 – Quando todos da equipe terminarem o líder diz: “Mostrar”.

7 – Todos viram suas folhas e mostram seu registro. O líder verifica se as respostas estão corretas e cumprimenta a equipe. Quando alguma resposta não estiver correta, a equipe discute como chegar à resposta correta.

8 – A atividade continua com o próximo líder.

PROCEDIMENTOS: A sala forma as equipes-base heterogêneas para a realização da **Técnica Cooperativa Já podem mostrar**, os cartões de tarefa são distribuídos pelas equipes com tarefas diferenciadas: habitats de animais, tipos de animais ou outras que tenham relação com os subtemas de investigações no projeto. Dessa forma, para resolver as tarefas, as crianças devem desenhar animais que correspondam a elas. Por exemplo, na equipe que ficar com os cartões de habitat (ar, mar, terra e rio), quando viram o cartão “ar”, as crianças devem desenhar animais que voam. Após a efetivação dessa técnica, as equipes trabalham na organização dos materiais recolhidos na sessão cooperativa anterior, na pesquisa feita em casa com as famílias. Podem também utilizar os desenhos realizados nessa mesma sessão. No final da sessão, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

QUINTA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 2h30.

ETAPAS DO PROJETO:

- Planejar e preparar as apresentações: os grupos transformam os conhecimentos e experiências decorrentes das investigações em conteúdos e materiais acessíveis e que possam ser partilhados com o grupo-classe.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: grupo-sala e equipes-base heterogêneas.

ATIVIDADE LÚDICA: Bingo de Som

PROCEDIMENTOS: A sessão se inicia com a atividade lúdica **Bingo de Som**, para o favorecimento da integração da sala e da motivação. Nessa atividade, são trabalhados o conhecimento físico e social, sendo abordados diferentes objetos do mundo e seus respectivos sons, incluindo sons do corpo humano e de animais. A atividade acontece no grupo-sala. Em seguida, são formadas as equipes-heterogêneas que devem organizar as informações e materiais recolhidos, a fim de construir o mural que apresentarão para o grupo-sala. O mural pode ser confeccionado com recortes, desenhos, entrevistas realizadas etc. No final da sessão, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

SEXTA SESSÃO - DURAÇÃO: uma sessão de 2h30.

ETAPAS DO PROJETO:

- Apresentação dos resultados das investigações pelos grupos.

- Discussões dos murais.

- Avaliação do projeto, avaliação do grupo e autoavaliação.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: grupo-sala e equipes-base heterogêneas.

PROCEDIMENTOS: As equipes-base apresentam seus painéis ao grupo-sala, os quais são apreciados e discutidos por todos. Em seguida, é feita uma avaliação geral do trabalho, em termos de processo, aprendizagens e produto pelo grupo-sala e pela professora. Depois, as equipes respondem aos formulários de autoavaliação e avaliação grupal.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

5 ANÁLISE E DISCUSSÕES DAS SESSÕES REALIZADAS: AVANÇOS E DIFICULDADES

Apresentamos, a seguir, a análise e discussões decorrentes de cada sessão realizada durante o desenvolvimento do projeto cooperativo, de modo a enfatizar os principais avanços e dificuldades em seu percurso.

5.1 PRIMEIRA SESSÃO

No decorrer das atividades, foram identificadas nas equipes as habilidades de formação que “[...] constituem um conjunto inicial de habilidades destinadas à organização dos grupos de aprendizagem” (MÁS; NEGRO; TORREGO, 2014, p. 118) e o estabelecimento de normas mínimas de condutas adequadas para o desenvolvimento do grupo.

Quando solicitadas a formar as equipes, as crianças já o fizeram rapidamente e sem muito ruído, propiciando um momento de rotina fluida e calma. Os alunos permaneceram com o grupo, durante o tempo de trabalho, possibilitando que as atividades executadas acontecessem de modo mais produtivo. Cuidavam uns dos outros, ajudando-se mutuamente e, de maneira geral, concentravam-se na atividade de seu grupo. Embora os grupos de aprendizagem dependam da interação interpessoal, eles não precisam ser muito barulhentos. Ressalta-se que o nível alto de ruído se intensifica, sobretudo, quando a atividade solicitada exige a troca de ideias entre os membros do grupo ou os compartilhamentos com o grupo-sala. Portanto, é necessária atenção especial quanto a esse aspecto, sendo necessário continuar com um hábito de trabalho mais tranquilo e produtivo. Ademais, como docente, diariamente podemos propor questões na sala de aula, dirigindo-nos à sala toda, com a tentativa de saber os conhecimentos prévios de um determinado conteúdo ou assunto, para verificar o quanto eles já assimilaram, além do quanto se deve seguir em sua explicação ou avaliar se eles têm assimilado o que lhes é ensinado. Colocada à frente da classe ou em qualquer outro lugar, a professora apresenta a questão e espera que seus alunos levantem as mãos, para que um deles responda. Normalmente, alguns, ou muitos, levantam a mão e esperam ansiosos para lhes dar a possibilidade de responder. Esse procedimento diário pode favorecer a habilidade de ouvir o colega, esperar o outro falar, além de saber esperar a sua vez, para que as equipes possam melhorar, nesse ponto.

Cuidar dos materiais é igualmente um dos papéis exercidos por um dos membros da equipe e que ajuda muito nos grupos cooperativos – e esse foi muito bem executado, durante essa primeira sessão de desenvolvimento do projeto cooperativo. Por outro lado, os demais papéis (em especial de guardião do volume e guardião do tempo) não foram exercidos a contento pelas crianças, necessitando, ainda, de melhor incorporação. Observou-se também que a maior parte dos membros dos grupos compartilhou suas

ideias, materiais e esforços, para que o grupo alcançasse o objetivo proposto na técnica do *Graffiti* Coletivo. Percebeu-se ainda o caso de um aluno mais tímido e que tem mais dificuldade em participar; no papel de porta voz, recebeu a ajuda dos colegas do grupo, a fim de que pudesse cumprir sua tarefa de levar ao professor as dúvidas, ou mesmo no momento de relatar a conclusão a que o grupo havia chegado, sobre um determinado assunto.

A habilidade de respeito ao turno da palavra é básica para o funcionamento do grupo, uma vez que é considerada por Más, Negro e Torrego (2014) como uma das habilidades específicas imprescindíveis para que as crianças possam cooperar em sala de aula, e está intimamente relacionada com o pré-requisito de ouvir. Ouvir o outro é o principal objetivo, apreciar o que os outros dizem é a base de um diálogo ordenado. Essa habilidade foi trabalhada constantemente, porque, na primeira sessão, eles ainda não conseguiram se autorregular, a fim de que seus colegas apresentassem os resultados de seus trabalhos.

Os exemplos de respeito pelos colegas do grupo foram bem visíveis. Eles não utilizavam apelidos ou insultos na maneira de abordar uns aos outros, evitando ao máximo recursos ofensivos ou agressivos que pudessem gerar conflitos e exclusão. Sobre a exclusão, notou-se que eles não fizeram nenhuma discriminação com relação à aluna que apresenta necessidades educacionais especiais, ao contrário, cuidaram dela e tentaram sempre ajudar. Esse aspecto, isto é, o respeito à diversidade, foi muito bem trabalhado, desde a primeira semana de aula.

Segundo De Vries e Zan (1998), são dois os principais objetivos da hora da roda: os sociomoraes e os cognitivos. Dentre os objetivos sociomoraes, o principal é o incentivo ao autogoverno. O grupo vai sendo trabalhado, para que as crianças adquiram individualmente uma autonomia. Aprendem que todos têm a sua vez de participar das discussões e conversas, ajudando a decidir o que ocorre na sala, o que pode ser interpretado como um contato com a democracia. Ora, se ocorre um problema na sala – como, por exemplo, as crianças não estarem conseguindo manter a sala organizada ou se um aluno está fazendo muito barulho e atrapalhando a sala, colocamos para o grupo *O que podemos fazer para solucionar este problema?* Podendo ser ouvidas as sugestões dos alunos. Com isso, estimula-se a habilidade de respeito às opiniões dos outros, sem tentar impor à força o seu próprio ponto de vista e compreendendo que isso

não significa necessariamente compartilhar da mesma opinião dos outros, mas ouvi-los, compreendê-los e refutar suas posições, respeitosamente. Na Aprendizagem Cooperativa, a divergência é considerada geradora de conflito sociocognitivo e, por conseguinte, promotora da construção de novos conhecimentos.

Portanto, a realização, de tempos em tempos, de uma atividade organizada de forma cooperativa é uma medida interessante para introduzir a Aprendizagem Cooperativa; entretanto, para alcançar os benefícios que essa forma de organizar a atividade na classe indubitavelmente propicia para a aprendizagem do aluno, é necessário estruturar a classe de modo cooperativo com mais frequência (PUJOLÀS, 2008).

Nesse sentido, o professor pode aplicar de vez em quando alguma estratégia cooperativa, na hora de desenvolver determinados conteúdos e, dessa forma, observando o rendimento dos alunos, à medida que o educador vai adquirindo segurança com essas estruturas, será possível que ele organize as unidades didáticas, reservando sempre um lugar para as atividades cooperativas. Tal atitude vai favorecer o desenvolvimento de seus conteúdos curriculares, por meio de projetos como esse que integra o conteúdo regular.

5.2 SEGUNDA SESSÃO

No desenrolar das atividades, foi visto, nas equipes, como desenvolveram as habilidades de formação e de funcionamento, as quais compõem e estabelecem um conjunto inicial de habilidades destinadas à organização dos grupos de aprendizagem e de normas mínimas de condutas adequadas para o desenvolvimento do grupo. Para isso, é necessário estimular em cada equipe a função do guardião do volume, que deve alertar os colegas, caso eles façam barulho em demorado.

O grupo “Os Animais” precisou algumas vezes da intervenção da professora/pesquisadora, para a reflexão sobre as atitudes de um dos membros do grupo, o qual revelou uma tendência para perturbar os companheiros. Diante de situações semelhantes, Díaz-Aguado (2016) afirma que, em suas investigações em grupos heterogêneos com procedimentos de Aprendizagem Cooperativa, fica evidente sua eficácia para conseguir superar os conflitos no grupo-sala, pois a A/C proporciona momentos de conflitos cotidianos

que ajudam, em grande parte, na compreensão e resolução presentes nas relações sociais. Outro aspecto também considerado pela autora é de que, para eliminar a rejeição dos companheiros, é necessário desenvolver a competência social das crianças envolvidas, visto que não cabe esperar que o problema se resolva simplesmente mudando os estudantes que estão causando os conflitos de grupo; é preciso oferecer meios para que esses comportamentos sejam repensados e amenizados nas equipes e no gruposala. Diante dessa situação, foram colocadas algumas reflexões sobre essas ações e palavras, tendo como resultado amenizar a situação e estimular o comprometimento do próprio aluno, de que faria o possível para se controlar, evitando a repetição de práticas desse gênero.

Pôde-se verificar, de maneira geral, que todos os grupos compartilhavam suas ideias e materiais e auxiliavam os alunos que tinham mais dificuldade em participar, pois essa é uma das habilidades necessárias: a de que os próprios colegas de equipe ajudem e favoreçam a integração de todos ao grupo, para conquistar o avanço.

Quanto às habilidades de funcionamento sobre expressar apoio e aceitação, percebe-se que, nas equipes, eles já estavam construindo vínculos emocionais e de simpatia uns com os outros, habilidades necessárias não somente para a atividade em grupo, mas para a vida. Quanto à habilidade de tomar decisões compartilhadas, com base em consenso e negociação, os grupos foram desenvolvendo essas habilidades, gradualmente. As equipes “Respeito”, “Os Guardiões” e os “Jacarés” já demonstravam, com mais afinco, no decorrer das atividades, algum consenso, como negociar acordos parciais e distribuir tarefas. No entanto, a discussão de ideias nos grupos e a construção de consensos são habilidades que precisam ser trabalhadas continuamente. Ainda com relação a esse aspecto, foi possível notar que, na atividade sobre “o que ajuda” e “o que atrapalha”, as crianças conversaram muito pouco sobre o que cada dupla registraria nas cartolinas, efetivando mais uma produção individual do que coletiva. Assim, surgiu a necessidade de, na sessão seguinte, buscar esse consenso nas equipes, com a mediação da professora/pesquisadora, a fim de ensinar a construção de normas coletivas. Outra dificuldade evidenciada nessa atividade é a de que várias crianças, ao invés de registrarem aquelas coisas que ajudavam ou atrapalhavam, ou seja, as ações, indicavam as pessoas responsáveis por tais ações, relatando seus nomes. A professora/pesquisadora ficou atenta para evitar esse tipo

de situação, contudo, mesmo assim, ela ocorreu. Consideramos, com isso, a necessidade de que os problemas de convivência sejam constantemente discutidos na escola, de modo que as crianças aprendam a falar das ações e não das pessoas envolvidas, buscando coletivamente os princípios (e regras decorrentes) nos quais todas devem se pautar, para garantir uma convivência respeitosa.

Sobre os papéis desempenhados pelas crianças nas equipes, observou-se que o mais bem incorporado foi o de guardião do material; os demais, apesar de demonstrarem avanços, ainda precisavam ser aprimorados e melhor efetivados.

5.3 TERCEIRA SESSÃO

Nessa sessão, as equipes trabalharam ativamente na atividade de apresentação e explicação dos conteúdos e materiais resultantes da pesquisa feita em casa, com os pais. A maioria das crianças trouxe a pesquisa, sendo que, de toda a sala, apenas quatro alunos não a fizeram, os quais, por sua vez, mostraram-se “chateados” por não terem realizado a atividade em casa, com a família. Apesar disso, em geral, foi muito bom o envolvimento de grande parte das famílias. Vimos como muito positiva a motivação das equipes e o domínio que demonstraram, a propósito dos conteúdos pesquisados. Por outro lado, foi possível notar que vigorava nas equipes o sentimento de que os materiais recolhidos eram dos alunos e não das equipes. A fim de promover a mudança desse sentimento, pedimos, ao terminar essa etapa da sessão, que os guardiões dos materiais, com a sua equipe, reunissem e guardassem os materiais na pasta da equipe, os quais seriam usados posteriormente, na montagem dos painéis, incentivando a interdependência de materiais e recursos.

Percebemos também que, com exceção do papel de guardião dos materiais, os demais papéis não foram desempenhados de forma apropriada pelas equipes.

Na Técnica Cooperativa Agrupamentos, a qual foi realizada em grupos maiores (aproximadamente 10 integrantes em cada grupo, divididos de modo aleatório) verificamos uma diferença importante entre dois grupos: enquanto um deles concretizou a atividade com motivação, concentração e capacidade de resolução lógica, no outro, esses aspectos

não se manifestaram. Apontamos que um dos fatores que propiciou essa distinção deveu-se à circunstância de os grupos terem um número grande de crianças, o que prejudicou o funcionamento do segundo grupo, já que esse aspecto se agravou, por estarem reunidas crianças com mais dificuldades de concentração e de menor desempenho. Assim, outro elemento que comprometeu a atividade, nesse caso, foi a estratégia de formação dos grupos, a qual foi aleatória, acabando por constituir grupos mais homogêneos, reunindo em um deles crianças de médio e alto desempenho e com melhor habilidade de cooperação, e, no outro, crianças com baixo desempenho e com mais dificuldades para cooperar.

Houve, nessa sessão, a dificuldade com a gestão do tempo, não sendo possível concluir a atividade que havia sido planejada, de continuidade da construção das regras coletivas. Para que isso não ocorresse igualmente, na sessão seguinte, foi combinado que começaríamos por ela, por exigir mais tempo, envolvimento, concentração, trocas e reflexão pelas crianças. Quanto à atividade do Bingo de Som, ela transcorreu a contento, pois as crianças colaboraram entre si nas equipes e deram muito mais valor à participação no jogo do que à diferenciação entre as equipes “vencedoras”.

Outro aspecto negativo, igualmente associado ao tempo, foi o fato de não ter sido possível que as crianças respondessem aos formulários de avaliação grupal e de autoavaliação, no final dessa sessão.

5.4 QUARTA SESSÃO

Nessa sessão, as equipes trabalharam ativamente na atividade de discussão e explicação das normas, com os materiais resultantes da confecção realizada na sessão anterior. As crianças participaram efetivamente das discussões em grupo e responderam com entusiasmo, segurança e envolvimento, a respeito dos resultados decorrentes. De Vries e Zan (1998, p. 138) consideram que “[...] o estabelecimento de regras representa uma clara oportunidade para que as crianças exercitem a autonomia”, além disso, relatam que, muitas vezes, há insegurança de alguns professores quanto a essa capacidade de fixação das regras, acreditando que os mesmos não consigam criar nenhuma ou que criem regras inaceitáveis. Nessa perspectiva, as autoras evidenciam, em suas experiências de observação das crianças pequenas enquanto participam de atividades dessa natureza, que

elas são capazes de criá-las de forma construtiva e com o auxílio do professor. As discussões devem ser incentivadas, para que se estabeleçam regras que realmente ajudarão na melhora da convivência e na aprendizagem.

As equipes, em geral, desenvolveram essa atividade com afinco, participando, interativamente, de todo o processo oral e da realização da Técnica *Placemat Consensus* adaptada, no momento de ditar as primeiras normas elencadas pelas equipes. Desse modo, entendemos como positiva a participação dos alunos na construção das normas, revelando-se a tomada de consciência das crianças sobre aquilo que ajuda ou atrapalha no êxito do trabalho em equipe, na aprendizagem e na boa convivência em sala de aula.

Nessa sessão, foi observado o papel de guardião do tempo, em três das seis equipes, que realmente ficaram atentas ao tempo dado para as discussões: “Os caçadores”, “Os guardiões” e “Os animais”. Além desse papel, percebeu-se que o que teve maior adesão foi o de guardião do material, já os demais papéis (de porta-voz e guardião do volume) ainda eram pouco observados, em sua atuação. Em relação ao trabalho de pesquisa na sala de informática, num primeiro momento, todos se mostraram interessados, todavia, pela dificuldade em conseguir efetuar a pesquisa de forma mais autônoma e pelo fato de não dominarem a leitura e a escrita, logo alguns grupos foram perdendo o interesse em responder às questões já formuladas e começaram a se dispersar, passando a fazer a pesquisa como conseguiam e, conseqüentemente, isso resultou na execução de outras pesquisas. No entanto, notou-se que, em tais pesquisas, o foco continuou sendo o mesmo, isto é, saber sobre os animais, não se saindo, portanto, do objetivo geral de descobrir o mundo dos animais. Nessa atividade, somente duas equipes, “Os Caçadores” e “Os Jacarés”, conseguiram fazer suas pesquisas sobre as questões, as quais foram aquelas acompanhadas integralmente pela estagiária do Laboratório. Quanto às demais equipes, para que todas suas respostas fossem respondidas, a professora e uma pesquisadora ficaram de efetuar a investigação, de modo a levar o material no dia da confecção dos painéis pelas crianças.

Ao final da sessão, as crianças responderam aos formulários de autoavaliação do aluno no grupo, e pudemos constatar que elas foram mais críticas com relação a alguns itens, porém, ainda percebeu-se a necessidade de construir progressivamente uma melhor tomada de consciência sobre o próprio desempenho.

5. 5 QUINTA E ÚLTIMA SESSÃO

Quanto à atividade sobre “o que ajuda” e “o que atrapalha”, as crianças conversaram muito sobre o que cada dupla ilustraria, na folha em que as regras coletivas seriam ilustradas, percebendo que essa produção era coletiva. Assim, surgiu a necessidade de buscar consenso nas duplas, a fim de partir para a construção do desenho das normas coletivas do grupo-sala. O fascinante foi que não houve divergências: cada dupla escolheu sua folha sem maiores discussões, verificando-se que cada trabalho realizado nas equipes ou duplas cooperativas vinha surtindo um efeito positivo, ficando cada vez mais claro, para as crianças, o que ajudava e o que atrapalhava para a prenderem e conviverem bem na sala. Consideramos, com isso, a necessidade de que os problemas de convivência sejam constantemente discutidos na escola, de modo que as crianças aprendam a falar das ações e busquem coletivamente os princípios (e regras decorrentes) nos quais todas devem se pautar, para garantir uma convivência respeitosa.

De Vries e Zan (1998, p. 139) enfatizam que, na perspectiva construtivista, as regras

[...] não são apenas um meio para se adquirir uma organização da sala de aulas. Embora sirvam a esta função, as regras são também um fim em si mesmas. As experiências das crianças no estabelecimento de regras satisfazem objetivos desenvolvimentais. Em um nível prático, esperamos convencer o leitor de que as regras feitas pelas crianças são mais poderosas do que regras já prontas, entregues sem discussões.

Segundo o relato das autoras, o estabelecimento das regras proporciona às crianças a oportunidade de discussão e, depois, o registro por meio de desenhos e afixação na sala para a consolidação. Além disso, os estudantes podem revisar quais atitudes devem ser repensadas, pelo não cumprimento de cada uma delas, e quais consequências isso causará na qualidade da convivência e do aprendizado.

Foi observado, no desenrolar das atividades, nas equipes, que algumas das habilidades de formação e funcionamento foram se consolidando de forma lenta e gradual, o que era esperado pela professora/pesquisadora; o mais importante é que elas desenvolvam essas habilidades,

para o bom funcionamento dos grupos de aprendizagem. O barulho, um dos fatores que atrapalhava o andamento dos trabalhos, nas equipes, foi diminuindo, e poucas vezes a professora/pesquisadora precisou alertar, de maneira a oportunizar a reflexão sobre essa atitude. Para isso, continuamos estimulando, em cada equipe, a função do guardião do silêncio, no sentido de prevenir os colegas, caso eles fizessem barulho em demasia.

Durante essa sessão, foram percebidos diálogos e negociações, por se tratar da atividade de montagem dos cartazes e que as crianças precisavam organizar o material de pesquisa trazido por todos. Esse momento foi muito rico quanto ao respeito que eles tiveram, tentando colocar algo de cada membro do grupo. Todas as equipes conseguiram, através do diálogo, decidir qual a melhor forma para concluir a tarefa proposta. E, mesmo quando surgiu algum conflito de ideias, elas tentaram ao máximo respeitar e escutar o outro.

Durante a concretização das tarefas, percebeu-se que todas as equipes mantiveram um diálogo constante entre seus integrantes, fato que incentivou a participação de todos. Na equipe “Os Jacarés”, a aluna com necessidade educacional especial, ao notar que seus colegas de grupo colocaram o leão que ela havia trazido no centro do cartaz, ficou tão contente que, a todo momento que via as professora/pesquisadora, apontava para o desenho com entusiasmo e sentimento de realização. Assim, pôde-se verificar que, de maneira geral, todos os grupos compartilharam suas ideias e materiais e auxiliaram os alunos que com mais dificuldade em participar, pois essa é uma das habilidades necessárias: a de que os próprios colegas de equipe ajudem e favoreçam a integração no grupo de todos.

Na equipe “Os caçadores”, os membros efetuaram as atividades e, no momento da apresentação, fizeram a escolha de expô-las da maneira que já haviam acordado no grupo e não conforme as outras equipes, as quais preferiram utilizar a Técnica Cabeças Juntas Numeradas, por meio da qual a criança sorteada na equipe exporia os resultados da sua pesquisa. As outras cinco equipes fizeram sua apresentação com o auxílio dessa técnica cooperativa, a qual se desenrolou satisfatoriamente. Na apresentação, as equipes se saíram muito bem, cada uma com suas especificidades e com propriedade com relação aos conhecimentos adquiridos ao longo de todo o processo do projeto.

Sobre os papéis desempenhados pelas crianças nas equipes, observou-se que os dois mais bem incorporados foram os de guardião do material e o de guardião do tempo, o qual nos surpreendeu com a pontualidade no alerta do término do tempo dado pela professora/pesquisadora; os demais, apesar de demonstrarem avanços, ainda precisavam ser aprimorados e mais bem efetivados. Mesmo com os avanços graduais nas habilidades de funcionamento, essas habilidades devem ser trabalhadas de maneira contínua, porque podem ser melhoradas a cada dia. Vale enfatizar que elas não são habilidades úteis somente para o trabalho escolar, mas se aplicam também à vida em sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito desse processo, o estudo evidenciou que é possível orientar as crianças nessa trajetória, por meio de oportunidades guiadas de atitudes de cooperação e respeito mútuo, associadas à reflexão sobre valores humanos básicos em situações concretas e ao desenvolvimento de habilidades sociais. No decorrer do trabalho, foi possível observar que as crianças ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental já são capazes de participar de uma intervenção pautada em procedimentos da A/C. De modo a ensiná-las a agir em situações cotidianas, desenvolveu-se a percepção quanto aos diversos pontos de vista e sentimentos envolvidos em um conflito, buscando ajudá-las a atuar de forma construtiva, na resolução de problemas, no ambiente que as cerca, não exclusivamente no ambiente escolar, mas em sua vida familiar e social.

Ademais, a intervenção pôde contribuir para a melhoria da convivência, pois, durante o processo, percebeu-se que as crianças cumpriam as regras que foram construídas por elas mesmas, partindo de necessidades compartilhadas e facilitando, assim, as relações interpessoais a cada dia, por intermédio do senso de justiça. Além disso, as crianças foram, a cada sessão, de forma gradual, dispondo-se a ajudar e apoiar aos colegas, consolidando os laços afetivos, de modo a manter um clima agradável de convivência e a desenvolver o sentimento de pertença e responsabilidade grupal.

Diante disso, constatou-se que a metodologia cooperativa não só contribuiu para que os estudantes fossem capazes de melhorar sua

capacidade de interação social, mas também influenciou na interiorização de estratégias e habilidades, assim como a aprender a autorregular suas próprias atitudes e a trabalhar em grupo, de maneira cooperativa.

Em um primeiro instante, o modelo de estrutura cooperativa pode parecer uma abordagem complexa; entretanto, ao se experimentar o trabalho com tais procedimentos, tornou-se possível exercer uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas desempenhadas em sala de aula. Para desenvolver um trabalho como esse, é imprescindível um planejamento sistematizado e fundamentado, em que o professor precisa ter clareza sobre quais métodos e técnicas de A/C podem ser aplicados em sua sala de aula, no instante em que avalia as adaptações que podem ser feitas, para que elas atendam às necessidades do contexto e alcancem os resultados esperados. Não obstante, o trabalho consiste em uma abordagem que demanda a elaboração de uma sequência didática, estando esta atenta aos diferentes níveis de aprendizado e às necessidades que apresenta o grupo-sala, bem como cada estudante que o compõe. Nesse contexto, a paciência é um fator primordial, pois as habilidades cooperativas requerem tempo, para que sejam desenvolvidas e interiorizadas pelos estudantes.

No que tange ao campo de análise, o primeiro passo foi executar as atividades do currículo escolar em duplas esporádicas, posto que os alunos não possuíam o hábito de trabalhar em grupo. Além disso, foi necessário trabalhar com as duplas dentro dos grupos para, então, estender as atividades ao grupo como um todo, formando as equipes-base, as quais são equipes formais que trabalham juntas, durante o desenvolvimento de um projeto, seja por um bimestre, trimestre ou semestre.

Em sequência, a avaliação grupal e individual evidenciou o funcionamento grupal e individual das equipes, juntamente com o desenvolvimento de destrezas para a cooperação por parte dos alunos. Com isso, essa etapa colaborou com a identificação e análise do quadro “Bem” e do “Preciso Melhorar”. Em sendo assim, esses momentos de reflexões das equipes sobre o trabalho realizado possibilitaram intensificar a cooperação e a colaboração entre os membros de cada equipe. Logo, a dificuldade em desenvolver os procedimentos de A/C foi diminuindo a cada dia, tendo em vista que as crianças foram desenvolvendo algumas das habilidades de formação e de funcionamento.

Com relação aos propósitos do projeto cooperativo, o trabalho reconheceu um atendimento aos preceitos daqueles apresentados por Guarro (et al., 2018) e anteriormente mencionados, isto é, a proposição de uma atividade que permite uma aplicação autêntica do conhecimento, de modo a favorecer a integração de conhecimentos e experiências anteriores dos alunos com os conteúdos curriculares, além de lhes fornecer a oportunidade de exercer processos democráticos de resolução de conflitos. De maneira complementar, o estudo alcançou seu objetivo, ao promover uma cultura de cooperação, por meio de um espaço de convivência democrática, no qual as interações entre pares sociais são apresentadas em tempo hábil e como um modelo de ensino-aprendizagem que prioriza a interação entre pares e mediada pelo professor. Além disso, a atividade cooperativa desempenhada possibilitou que o projeto pedagógico fosse construído e executado em situações de aprendizagem contextualizadas, uma vez que os problemas e questões possuíam relevância de caráter pessoal e social.

Entreposto pelos resultados decorrentes da abordagem metodológica, destaca-se também que a investigação alcançou os seguintes objetivos de aprendizagem: conhecer e nomear os diferentes tipos de animais, características, hábitos, semelhanças, diferenças; reconhecer a importância dos animais; identificar os diversos animais, apontados para sua diversidade (locais onde vivem, sua alimentação, seus hábitos, sons e outras peculiaridades de cada espécie); observar, investigar e registrar informações sobre os animais; desenvolver a imaginação, a criatividade, a capacidade de expressão e de diferentes linguagens; saber identificar um animal selvagem e um doméstico e valorizar a vida de todas as espécies. Com isso, o trabalho propiciou observar o quanto as crianças, durante o projeto, estavam interessadas e motivadas para conhecer e estudar o mundo dos animais: por intermédio da atividade prática, estas procuraram se apropriar desse conhecimento e partilhá-lo com seus colegas, havendo inclusive participação das famílias, em alguns momentos do projeto. Contudo, cabe mencionar que, apesar de não terem sido realizadas as seis sessões previamente planejadas, devido às questões de planejamento curricular da escola, a pesquisa conseguiu, nas cinco sessões desenvolvidas, cumprir as diferentes etapas planejadas para o projeto cooperativo, as quais foram baseadas em Guarro (et al., 2018).

Quanto às sessões, em duas delas o tempo transcorrido foi uma questão a ser repensada, pois, no decorrer da atividade, foi preciso acrescentar mais alguns minutos para que a tarefa fosse realizada por completo. Diante disso, houve mudanças na sessão de criação das regras, evidenciando que, mesmo após um planejamento, a flexibilidade se fez necessária, para que as etapas do projeto fossem cumpridas e os objetivos alcançados.

No instante em que o alcance dos objetivos foi efetivado, verificou-se que, através de uma intervenção com o uso de estratégias cooperativas para aprendizagem, é possível promover o desenvolvimento das habilidades cooperativas de formação e de funcionamento. Na análise das grelhas de observação com as habilidades de formação e funcionamento, que são atuações necessárias para o êxito do trabalho em equipe, os resultados foram significativos: a despeito de as crianças terem demonstrado avanços importantes, notou-se a necessidade de se concretizar continuamente as metodologias cooperativas, a fim de serem incorporadas à cultura da sala. Portanto, embora apresentadas as melhorias, verifica-se a necessidade de se realizar mais atividades, no sentido de aprimorar essas habilidades, tanto as de formação quanto as de funcionamento.

Por meio das reflexões apresentadas e da realização da prática, foi possível perceber os cuidados a serem tomados na adoção da A/C, tendo-se a compreensão clara de seus elementos essenciais, desde a formação dos grupos heterogêneos até o desenvolvimento de técnicas e métodos que viabilizassem a responsabilidade individual, a interdependência positiva, a interação face a face, o processamento de informação interindividual e a avaliação grupal/autoavaliação/coavaliação. Em meio a essa reflexão, a intervenção elaborada obteve efeitos que favoreceram atitudes mais apropriadas dos grupos, permitindo a motivação e o aprimoramento da convivência em sala de aula. Contudo, para que uma intervenção apresente resultados significativos em maior escala e sejam duradouros, é de fundamental relevância que a adoção de práticas colaborativas seja frequente e contínua, no instante em que as mudanças não devem partir apenas de uma sala de aula, mas de toda a instituição e das relações nela estabelecidas. Nesse sentido, concordamos com Díaz-Aguado (2016), que destaca que é preciso converter a escola em uma comunidade de aprendizagem e apoio para todas as pessoas que nela convivem. Sobre isso,

é necessário intensificar a cooperação em todos os níveis, entre os alunos, professores, gestores, funcionários e famílias.

Em vista dessas avaliações, o estudo enseja ressaltar que não é possível colher os efeitos da A/C de forma intuitiva ou com base em concepções de senso comum sobre o que é trabalho em grupo. A formação específica é essencial, assim como um planejamento adequado, bem fundamentado e minucioso, tendo em vista as diferentes fases de implementação da A/C (coesão de grupo, técnicas e métodos), as quais são graduadas e inter-relacionadas. No entanto, é plausível afirmar que a A/C é um instrumento valiosíssimo para o professor, que, ao utilizá-lo, possibilitará que seus alunos adquiram o hábito de cooperar entre si, de se respeitarem, de serem capazes de auxiliar o seu próximo. Como esse aprendizado se refletirá no convívio em sociedade, a partir da consciência de que viver numa democracia é respeitar as diferenças e individualidades de cada ser humano, constata-se o alcance em atingir a compreensão de que a cooperação é fundamental para a nossa sobrevivência, em nosso planeta.

Em vista do que foi apresentado neste capítulo espera-se contribuir no sentido de instigar os profissionais de educação à prática do saber e à consideração dos benefícios da implementação da metodologia de A/C, na sala de aula e na comunidade escolar. No instante em que se possa averiguar se é favorável transformar a sala de aula de caráter tradicional em uma dinâmica de interdependência positiva entre os estudantes, espera-se desenvolver estratégias de cooperação entre os participantes, de sorte a melhorar a convivência na instituição educativa.

REFERÊNCIAS

- BIONDI, F. Z. *La sesión cooperativa*. La cooperación al servicio del aprendizaje significativo. Espanha, [2016].
- BRASIL. Lei 9394. LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, 1996.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 jun. 2018.
- BREAKWELL, G. M.; FIFE-SCHAW, C.; HAMMOND, S.; SMITH, J. A. *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DE VRIES, R.; ZAN, B. *A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DÍAZ-AGUADO, M. J. *Da violência escolar à cooperação na sala de aula*. Americana: Adonis, 2016.

ECHEITA, G. El aprendizaje cooperativo al servicio de una educación de calidad. Cooperar para aprender y aprender a cooperar. In: TORREGO, J. C.; NEGRO, A. (coord.). *Aprendizaje cooperativo en las aulas: fundamentos y recursos para su implantación*. Madrid: Alianza, 2014. cap. 1. p. 21-44.

GUARRO, A.; NEGRO, A.; TORREGO, J. C.; MAYORAL, M. V.; PERLADO, I.; MENES, J. *Aprendiendo a diseñar unidades didácticas*. Experto en aprendizaje cooperativo. Madrid: Universidad del Alcalá, 2018.

LOPES, J.; SILVA, H. S. *Métodos de Aprendizagem Cooperativa para o jardim da infância*. Lisboa: Areal, 2008.

LOPES, J.; SILVA, H. S. *A aprendizagem cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel – Zamboni, 2009.

MÁS, C.; NEGRO, A.; TORREGO, J. C. Creación de condiciones para el trabajo en equipo en el aula. In: TORREGO, J. C.; NEGRO, A. (org.). *Aprendizaje cooperativo en las aulas: fundamentos y recursos para su implantación*. Madrid: Alianza, 2014. p. 105-137.

MONEREO, C.; GISBERT, D. D. *Tramas: procedimientos para a aprendizagem cooperativa*. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PUJOLÀS, P. *9 ideias clave: el aprendizaje cooperativo*. Barcelona: GRAÓ, 2008.